

Peter Sloterdijk: um comunista de coração¹

Peter Sloterdijk: Im Herzen ein Kommunist

Slavoj Žižek

Professor da European Graduate School e Pesquisador Sênior do Instituto de Sociologia da
Universidade de Liubliana.

Tradução: Giovane Martins Vaz dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

giovane.santos@acad.pucrs.br

<http://lattes.cnpq.br/7332860443899976>

Resumo

Neste artigo, publicado originalmente no *Die Zeit Online*, o filósofo esloveno Slavoj Žižek faz uma homenagem em forma de crítica filosófica ao filósofo alemão Peter Sloterdijk. O problema central do ensaio é a assim chamada “ética da doação”, de Peter Sloterdijk: enquanto as políticas social-democratas tradicionais frequentemente buscam a taxaçoão como forma de arrecadação, Sloterdijk propõe uma política baseada nas livres doações daqueles que possuem recursos para indivíduos e instituições que precisam desses recursos. A tese de Žižek, exposta neste ensaio, é de que essa política sloterdijkiana é, fundamentalmente, mais próxima do comunismo do que da social-democracia ou do liberalismo.

Palavras-chave: Social-democracia. Liberalismo. Comunismo. Slavoj Žižek. Peter Sloterdijk.

Abstract

In this essay, originally published in the *Die Zeit Online*, the Slovenian philosopher Slavoj Žižek makes homage in the form of a philosophical criticism to the German philosopher Peter Sloterdijk. The central problem of the essay is the so called Sloterdijk’s “ethics of donation”: while the traditional social democrats policies often seek the taxation as a way of collection, Sloterdijk proposes a policie based on the free donations from those who have resources for the individuals and institutions that need these resources. The Žižek’s thesis, exposed in this essay, is that the sloterdijkian policie is, fundamentally, more closest to the communism, rather than social democracy or liberalism.

¹ Agradeço à gentileza da permissão tanto do autor quanto da revista *Zeit Online* para a tradução deste artigo, que foi publicado, originalmente, no *Die Zeit Online*, seção *Kultur*, em 21 de junho de 2017. (N. T.).



Keywords: Social democracy. Liberalism. Communism. Slavoj Žižek. Peter Sloterdijk.

Peter Sloterdijk chega aos 70 anos: é sempre mais produtivo conversar com ele do que derivar nas velhas águas estagnadas do consenso liberal. Uma felicitação de aniversário.

Por mais de três décadas, os liberais de esquerda encontraram nos escritos de Peter Sloterdijk uma provocação insuportável. A raiva, que o autor explorou, é indicativa² – basta lembrar a reação absurda e exagerada em relação ao “Elmauer Rede³”, de Sloterdijk, em que ele abordou temas sobre Heidegger e biogenética. A partir de sua tese (bastante razoável), a biogenética nos forçou a formular novas regras éticas, um eco da eugenia nazista que queremos ouvir. Tais reações são indicativas, pois não precisamos concordar com Sloterdijk para chegar à conclusão de que ele mostra exatamente os becos sem saída que a conveniente posição liberal de esquerda gostaria de ofuscar. Como eu queria comemorar seus 70 anos! E como eu poderia celebrar melhor seu aniversário do que apreciando sua contemplação do que poderíamos chamar de “antinomia do Estado de bem-estar social” [*Antinomien des Wohlfahrtsstaates*]? A solução que ele sugere para as autocontradições do Estado de bem-estar social – uma “ética da doação” [*Ethik der Gabe*]⁴, que vai além de uma mera troca de mercado egoísta-possessiva – se aproxima, surpreendentemente, de uma visão comunista.


O ponto de partida de Sloterdijk é a distinção entre uma “social-democracia subjetiva” – partidos políticos, sindicatos e assim por diante – e o que ele chama de “social-democracia objetiva” [*objektive Sozialdemokratie*]. Esse termo se refere às normas social-democratas que se tornaram parte dos nossos valores comuns e da nossa ordem constitucional, e que são aceitas em todo o espectro político. Para Sloterdijk, essa aceitação é uma das maiores conquistas das nossas sociedades, e seu problema é precisamente como preservar essas conquistas em um tempo que se volta contra elas.

Se, hoje, você quer salvar o núcleo do Estado de bem-estar social, é necessário ter alguma nostalgia pela social-democracia do século XX. Abjure o século [*Jahrhunderts abschwören*]! O que Sloterdijk está propondo é uma nova revolução cultural, uma mudança psicossocial radical que parte do *insight* de que a camada produtiva explorada não é mais a

² SLOTERDIJK, Peter. Primitive Reflexe. *Zeit Online*. Hamburgo, p. 1-4. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.zeit.de/2016/11/fluechtlingsdebatte-willkommenskultur-peter-sloterdijk>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

³ Neste trecho, Žižek se refere ao livro “Regras para o parque humano”, de Peter Sloterdijk. N. do T.

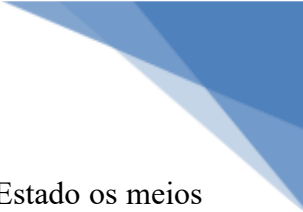
⁴ A tradução literal de “Ethik der Gabe” seria “ética do presente”. No entanto, para evitar a confusão de “presente” no sentido de fazer uma doação com um sentido de “ética do tempo presente”, optamos por traduzir, simplesmente, como “ética da doação”. (N. T.)



classe operária [*Arbeiterklasse*], mas a classe média alta: seus representantes são os verdadeiros “doadores”, o seu montante de tributação financia grande parte da saúde, educação, etc. Para realizar essa mudança, devemos superar o estatismo, essa relíquia do absolutismo que vive de uma maneira estranha em nossa era democrática: a ideia, portanto, que é bem recebida mesmo na esquerda tradicional, de que o Estado tem o direito indubitável de taxar seus cidadãos, determinar sua contribuição para produção e coletar uma parte. Não é que os cidadãos doem uma parte de sua renda ao Estado – eles são tratados como se devessem algo para o Estado desde sempre. Esta atitude é baseada em uma premissa misantrópica que tem o apoio mais forte apenas daquela esquerda que, de outro modo, pregaria a solidariedade: as pessoas são essencialmente egoístas, temos que forçá-las a contribuir com algo para o bem comum, e somente o Estado pode, por meio de sua força coercitiva, garantir a solidariedade e a redistribuição.

Para Sloterdijk, a causa dessa perversão social peculiar é um equilíbrio perturbado entre *Eros* e *Thymos*, entre o impulso possessivo erótico de acumular coisas e o impulso de orgulho e generosidade, cuja forma de doação deveria merecer respeito. Para restaurar esse equilíbrio, teríamos que reconhecer plenamente o *Thymos*: não poderíamos tratar os produtores de riquezas como um grupo suspeito de não liquidar sua dívida com a sociedade, mas como os verdadeiros doadores, cuja contribuição mereceria reconhecimento total para que eles pudessem se orgulhar de sua generosidade. O primeiro passo, portanto, é avançar do proletariado ao trabalho voluntário: ao invés de sobrecarregar excessivamente os ricos, eles devem ter o direito de decidir voluntariamente qual parte de sua riqueza querem doar para o bem comum. É claro que, em um primeiro momento, não se deve reduzir radicalmente os impostos, mas pelo menos abrir uma pequena área, dando aos doadores a liberdade de decidir quanto e o que eles querem doar. Por mais modesto que seja, esse começo reformularia gradualmente toda a ética sobre a qual repousa nossa coesão social. No entanto, não nos envolvemos, aqui, no velho paradoxo de escolher o que somos, de qualquer maneira, obrigados a fazer? Em outras palavras, não é verdade que a liberdade de escolha concedida aos “voluntários”, aos “empreendedores”, é uma falsa liberdade, baseada em uma escolha forçada? Se a sociedade deve funcionar normalmente, os “prestadores de serviços” são livres para escolher (doar ou não) apenas se fizerem a escolha certa (e doarem o dinheiro).

Há uma série de problemas com essa ideia – e aquelas que o grito (previsível) da esquerda contra Sloterdijk trouxe para o debate. Primeiro: quem são os doadores (empreendedores) nas nossas sociedades? Não devemos esquecer que a crise financeira de 2008

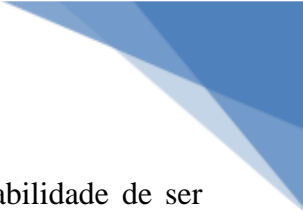


foi causada pelas pessoas de sucesso, e as “pessoas pequenas” forneceram ao Estado os meios para salvar as primeiras. (Exemplar aqui é o caso de Bernard Madoff, que roubou bilhões e depois representou o doador que doa milhões). Em segundo lugar, não se enriquece em um espaço além do Estado e da comunidade; o enriquecimento geralmente acontece na forma de uma apropriação violenta, que provoca fortes dúvidas sobre o direito do rico a possuir o que ele generosamente doa. Por último, mas não menos importante, o contraste de Sloterdijk entre o *Eros* possessivo e o *Thymos* doador é muito simples: não se trata de dar o amor erótico em sua forma mais pura? (Relembremos dos famosos versos de Julieta: “Minha bondade é tão ilimitada quanto o mar / E tão profundo como este é o meu amor / Quanto mais te dou, mais tenho: ambos são infinitos”⁵) E o *Thymos* não é, também, destrutivo? Tenha em mente que a inveja (ressentimento) é uma categoria do *Thymos* que invade o domínio do *Eros* e distorce o egoísmo “normal” ao tornar o que o outro possui mais importante do que o que eu possuo.

Minha crítica fundamental a Sloterdijk, no entanto, é a seguinte: por que ele defende a generosidade apenas dentro das restrições do capitalismo, isto é, a ordem, por excelência, do *Eros* possessivo e da luta competitiva? No contexto dessas restrições, toda generosidade é, *a priori*, reduzida a ser o oposto da possessividade brutal, a ser um benevolente Dr. Jekyll do capitalista Sr. Hyde. Basta recordar o primeiro exemplo de generosidade mencionado por Sloterdijk, Carnegie, um homem de aço com o coração de ouro, como ele diz: primeiro, usou os detetives de Pinkerton e um exército privado para oprimir seus trabalhadores e provou, então, sua generosidade, devolvendo (em parte) o que ele não criara, mas rasgara a si mesmo. Ou olhe para alguém como o próprio Bill Gates: como podemos esquecer suas táticas brutais, a eliminação da concorrência e a garantia de um monopólio? A questão crucial deve ser: não há espaço para a generosidade fora da estrutura capitalista? Todos esses projetos são apenas uma expressão de uma ideologia moralista e sentimental?

Muitas vezes, ouvimos que a visão comunista é baseada numa perigosa idealização do ser humano, atribuindo a ela uma “virtude natural” que é estranha à nossa natureza. No entanto, em seu livro “*Buch Drive – Was Sie wirklich motiviert*”, Daniel Pink se refere a uma série de estudos comportamentais que sugerem que incentivos externos, como recompensas monetárias, podem ser contraproduzidas: as pessoas possuem um melhor desempenho quando veem o significado genuíno do seu trabalho. Os incentivos podem ser úteis para fazer com que as pessoas realizem trabalhos rotineiros; no entanto, quanto maior a demanda intelectual de uma

⁵ No original: "So grenzenlos ist meine Huld, die Liebe / So tief ja wie das Meer. Je mehr ich gebe / Je mehr auch hab ich: beides ist unendlich." (N. T.).




atividade, mais o sucesso dos indivíduos e das organizações depende da habilidade de ser flexível e inovador, e mais e mais pessoas sentem a necessidade de encontrar um propósito intrínseco em seu trabalho. Pink nomeia três elementos que fundamentam essa motivação essencial: autonomia – a capacidade de decidir quando, como e quais tarefas são executadas; Maestria [*Meisterschaft*] – o processo de se tornar habilidoso em uma atividade; e propósito – o desejo de melhorar o mundo.

Marx disse: “De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades⁶” – e essa é a única “ética da doação” [*Ethik der Gabe*] que tem uma dimensão utópica autêntica. O “capitalismo pós-moderno” é, naturalmente, adepto de explorar os elementos de sua própria rentabilidade – sem mencionar o fato de que, por trás de toda empresa “pós-moderna” que dá aos seus funcionários espaço para realizações “criativas”, está a anônima e antiquada exploração dos trabalhadores. O epítome do capitalismo criativo contemporâneo é o “gênio” da Apple, Steve Jobs – mas o que seria da Apple sem a Foxconn, a empresa taiwanesa que possui grandes fábricas na China, onde centenas de milhares de pessoas são reunidas sob as condições aterradoras dos iPads e iPods? Nós nunca podemos esquecer o que há por trás do “centro criativo” pós-moderno do Vale do Silício, onde alguns milhares de pesquisadores estão testando novas ideias: os quartéis militarizados na China, onde os trabalhadores estão cometendo suicídio maciçamente como resultado das condições estressantes de trabalho. Depois que o décimo primeiro trabalhador saltou de um dos andares mais altos para a sua morte, a companhia entrou em ação: forçou os trabalhadores a cometerem suicídio por contrato.

Isso nos traz de volta a Peter Sloterdijk. Em seu livro *Im Weltinnenraum des Kapitals*, ele mostra que a globalização capitalista não se trata apenas de abertura e conquista, mas também de um globo fechado que separa o interior do exterior. Os dois aspectos estão intrinsecamente ligados: o alcance global do capitalismo está enraizado na divisão radical de classes que ele impõe em todo o mundo. Os últimos ataques terroristas e o fluxo de refugiados lembram o mundo violento fora de nossa cúpula, um mundo que, para nós, internos, aparece na forma de reportagens televisionadas de países distantes e violentos, não como parte de nossa realidade, mas como algo que a transcende. Nosso dever ético-político não é apenas de nos tornarmos conscientes da realidade fora da cúpula, mas também de reconhecermos nossa responsabilidade pelas atrocidades locais.

É claro que não há nada de “natural” na competição e no lucro capitalistas: além de um certo nível de satisfação das necessidades elementares, as pessoas tendem a se comportar de

⁶ No original: “Jeder nach seinen Fähigkeiten, jedem nach seinen Bedürfnissen.” (N. T.).



uma maneira que só pode ser descrita como comunista. Eles trabalham para a empresa de acordo com suas habilidades, não de acordo com a compensação financeira que recebem. Sloterdijk, no entanto, celebra as doações de capitalistas ricos como demonstrações de "orgulho neoaristocrático" – e, embora eu não concorde com essa premissa, acho mais produtivo discutir com ele do que flutuar nas águas estagnadas do consenso liberal.

Recebido: 18-07-2018

Aceito: 05-04-2019